

# Corpo-Cidade: coreografias urbanas

*Body-City: urban choreographwy*

**EMIKA TAKAKI<sup>1</sup>**

## RESUMO

No dia a dia, as idas e vindas das pessoas configuram um denominador comum na cidade. O corpo se desfaz na paisagem e, ao mesmo tempo, a compõe em fragmentos de temporalidades e recortes espaciais. É esse corpo – através de suas vivências e experiências – que molda e desenha no espaço uma coreografia que traduz o ritmo e a vida na cidade. Este trabalho centra-se no movimento das pessoas na cidade, sob o ponto de vista do corpo, cuja interface dialoga com o espaço em coreografias do cotidiano – produzindo um deslocamento afetivo no espaço. Cada movimento responde às informações do ambiente e às necessidades do corpo – há intenção, interesses, limites e fronteiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento do corpo, cidade, espaço urbano.

## ABSTRACT

In day-to-day life, the comings and goings of people sets up a common denominator in the city. The body vanishes in the scenery and, at the same time, builds spatial frames and temporal fragments. That body – through its experiences – shapes and draws in a choreography in space that reflects the city rhythm. This work focuses on the movement of people in the city through a body movement observation. This interface translates everyday life routines and produces an emotional walk in space. Every movement responds to environmental information and the body's needs – interest, intention, limits and boundaries.

**KEYWORDS:** Body movement, city, urban space.

## INTRODUÇÃO

A rua. Pessoas caminham em ziguezague, com percursos sinuosos, giros e pausa. Os movimentos dos corpos respondem a uma métrica rítmica que, aos poucos, definem a cidade. Alguns caminham lentamente, outros correm como se estivessem atrasados para um compromisso. Alguns admiram uma vitrine, outros conversam na calçada. Assim, as interrelações do corpo no espaço urbano podem ser observadas nas múltiplas manifestações de ser (e estar) na cidade.

Quando se fala das relações entre o corpo e a cidade, significa trazer para o debate as formas de apropriação espacial, deslocamentos, práticas do cotidiano e resistências

corporais. Onde a cidade, quando não significada no corpo, perde sentido, identidade e direção. A problemática do corpo está na ausência de experiência corporal e no vazio sensorial. Está em compreender como se dá a relação espacial entre o corpo e a cidade que, segundo Tschumi (2008, p.180), limita-se na “exclusão do corpo e de sua experiência de todos os discursos sobre a lógica da forma”. Olivier Mongin (2009) acrescenta que as resistências corporais respondem à falta de lugar e de experiência urbana. Assim, a falência das relações entre o corpo e a cidade pode ser observada na forma como as pessoas produzem e usam o espaço urbano.

Este trabalho centra-se no movimento das pessoas na cidade, sob o ponto de vista do corpo, cuja interface dialoga com o espaço em coreografias do cotidiano – produzindo um deslocamento afetivo no espaço. Cada movimento responde às informações do ambiente e às necessidades do corpo – há intenção, interesses, limites e fronteiras. A utilização de narrativas foram importantes para observação empírica. Ao formular as descrições sob o ponto de vista *in media res* foi possível compreender e entender o movimento dos corpos como produção do Lugar.

O corpo estabelece uma relação de coexistência com a cidade. Nessa dualidade entre afetar e ser afetado, o movimento humano é uma arquitetura viva, onde as trajetórias corporais moldam na cidade um sistema de fluxos que cria e recria espaços. Sendo assim, procuramos questionar: Como é a relação entre o corpo e a cidade? Como as pessoas se movimentam? Quais as coreografias do cotidiano?

## SUPERFÍCIES E FRONTEIRAS DO CORPO-CIDADE

A relação entre o corpo e o espaço ultrapassa as fronteiras corporais, o corpo abre-se e fecha-se sem cessar ao espaço, “tornando-se espaço também”. Segundo José Gil, “a textura do corpo é espacial; e reciprocamente, a textura do espaço é corporal” (2004, p.69). Ou seja há um diálogo constante entre o corpo e o espaço, onde sua interface com o espaço exterior é tão estreita que lhe advêm texturas espaciais - produzindo múltiplas formas de espaços paradoxais.

Nossa percepção reside na relação de reciprocidade entre o corpo e espaço, pois nossa orientação perceptiva é sensorial e as sensações são ativadas por estímulos espaciais. Neste sentido, a experiência corporal torna-se também uma experiência espacial: como num processo mútuo de dilatação e contração, a cidade faz parte do corpo e o corpo também é cidade.

Segundo José Gil (1997, p.175), o corpo é suscetível de dois pontos de vista: o interior (plano vivido) – *psyché*; e o exterior (como percepção do corpo próprio no espaço). A pele é o “meio-suporte” de agenciamento interior-exterior, no qual o espaço interior do corpo se conecta com a pele e forma “uma dupla interface: *psyché-soma*”, espaço de inscrição de conteúdos (intersubjetivos):

Embora invisíveis, o espaço, o ar adquirem texturas diversas. Tornam-se densos ou tênues, tonificantes ou irrespiráveis. Como se recobrissem as coisas com um invólucro semelhante à pele: o espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele tornada espaço. De onde a extrema proximidade das coisas e do corpo. (GIL, 2004, p.58)

Para Gil (2004, p.57), o espaço do corpo é a “pele que se prolonga no espaço”, superfície que dialoga com o mundo e se prolonga no espaço. No entanto, o filósofo explica que

é a dimensão de profundidade que distingue o “espaço do corpo” e o “espaço objetivo”. Não se trata de algo mensurável, o que é próprio desta profundidade é “ligar-se ao lugar”: “é uma certa ligação do corpo com o lugar que escava nele a sua profundidade. O espaço do corpo é esse *meio espacial* que cria a profundidade dos lugares.” (2004, p.65)

Os movimentos do espaço do corpo não se detêm portanto na fronteira do corpo próprio, mas implicam-no por inteiro: se o espaço do corpo se dilatar, por exemplo, a dilatação atingirá o corpo e o seu interior. (...) é uma certa ligação do corpo com o lugar que escava nele a sua profundidade. O espaço do corpo é esse meio espacial que cria a profundidade dos lugares. (GIL, 2004, p.65)

Para Merleau-Ponty (1994, p.205), “a experiência do corpo nos ensina a enraizar o espaço na existência” - “o corpo é no espaço”. O espaço está desenhado na estrutura do corpo e é seu correlativo inseparável, pois a experiência sensorial é recebida no corpo e, desta forma, também modifica o corpo.

As possibilidades do “andar entre lugares”, construir a paisagem e dinâmica urbana, posiciona o corpo como um agente fundamental para o espaço urbano. É o denominador comum que determina a relação espaço-temporal na cidade. O que se observa é que a configuração do espaço urbano deve dialogar com o corpo, pois é através da experiência e sentido que a cidade passa ter significado. O corpo, como experiência vivida, constitui um domínio prático-sensorial em que o espaço é percebido através de cheiros, sabores, tato, visão e audição. Michel De Certeau (1990, p.202) apresenta o espaço como um “cruzamento de corpos” determinado por “vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo”.

Para Lefebvre (1991), o corpo serve tanto como ponto de partida como destino. Simonsen (2005, p.4) explica que cada corpo vivido “*é* espaço e *tem* seu espaço” e, ao mesmo tempo, “*produz* espaço”. A formulação de Lefebvre para a produção do espaço está relacionada a uma tríade de práticas espaciais, representações do espaço, e espaços de representação. É, portanto, o corpo que ajuda a tornar essa tríade de forma concreta, pois é percebido, concebido e vivido.

## RESISTÊNCIAS CORPORAIS

As inter-relações do corpo no espaço urbano podem ser observadas nas múltiplas manifestações de ser (e estar) na cidade. Para Thibaud (2005) o ambiente “é caracterizado pelo fato de que ele se relaciona diretamente à experiência e ao comportamento de pessoas na sua vida cotidiana”. Esta interface permite as trocas de informações, encontros e atividades; responsável pela construção de significados, memória e Lugar.

A cidade é palco do fenômeno urbano, interface das práticas estabelecidas pelo corpo, configurada por um espaço-tempo numa estreita relação entre ritmos e planos. Plataforma e superfície onde, através do corpo, se experimenta a cidade. Esta relação se traduz numa linguagem que reúne significados e significantes. Segundo Mancini (2008), a cidade só tem nexo quando é significada no corpo e vice versa. Deste modo, a noção de cidade vai além do espaço físico para se tornar espacialmente sentido (significado) e praticado.

O trabalho do sociólogo Jean-Paul Thibaud propõe uma nova maneira de conceituar e de experimentar a cidade. Em seu estudo sobre o domínio sensível no espaço urbano, Thibaud apresenta o ambiente sensorial (que podemos ver, escutar, cheirar ou tocar), caracterizado pelo fato de que ele se relaciona diretamente à experiência e ao comportamento de pessoas na sua vida cotidiana, que podemos chamar de “ambiente sensorial”.

Para Andrade (1996, p.292), numa cidade contemporânea em que o corpo é supervalorizado, sexualizado, sobrecarregado de sentido, a experiência sensorial tende a ser neutralizada, pacificada pela mobilidade e desqualificação do espaço. Takahashi identifica que o desgaste dessa relação corpo-cidade “está no deslocamento da superfície da pele/corpo com a superfície das sensações” (2003, p.149). O autor explica que há uma “expectativa corporal” com relação ao espaço, “são anseios, inquietações e desejos internos que são carregados à superfície do corpo”.

Sennett (2001) coloca o *corpo* como referência para entender nossa relação com a cidade, através da história da cidade contada através da experiência corporal. Ao considerar tal problemática, observa que, na cidade contemporânea, a rua assume a identidade de mero espaço de circulação e movimentação, e neste aspecto perde o sentido de estar e de encontro da vida pública.

Segundo Borden *et al.* (2001, p.11), corpo é um corpo de sabores e cheiros, de orientações esquerda-direita e de frente para trás, de ouvir e tocar, e resiste à tendência de espaço abstrato. Neste sentido, o corpo experimenta o espaço através do próprio corpo e em todos os sentidos, esta façanha permite mais consciência dos conflitos e do espaço do Outro.

A cidade entendida como experiência urbana é polissêmica. Mongin explica que a experiência urbana é: “um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária”. (2009, p.30) O autor coloca a cidade como espaço “singular” que torna possível uma experiência em vários registros e níveis de sentido – “um misto de mental e de físico, de imaginário e de espacial”.

Sabe-se que a forma urbana influencia no comportamento das pessoas, configurando a prática e experiência cotidiana. Entretanto, sob o ponto de vista do movimento corporal, quais os aspectos ambientais que contribuem para o movimento das pessoas? Segundo Mongin (2009:243), “o corpo ‘resiste’ a um lugar que não o coloca em relação e lhe proíbe toda relação ao lhe impor limites intransponíveis”, ou seja, “o corpo precisa reconquistar uma relação mínima com um ambiente, com o real, com seu real, com seu sítio.”

As resistências corporais são significativas de uma falta de espaço, de uma falta de lugar, de uma falha da experiência urbana. (...) De fato, o corpo “resiste” a um lugar que não o coloca em relação e lhe proíbe toda relação ao lhe impor limites intransponíveis. (MONGIN, 2009, p.243)

Hillier *et al.* (1993, p.32) explica que o movimento das pessoas está relacionado à configuração do espaço urbano e qualidade ambiental. Seu argumento é que a configuração espacial é um “gerador primário”, sendo preciso entendê-lo para compreender o movimento das pessoas e a forma urbana.

## DERIVAS URBANAS

É neste ponto que a pesquisa se aproxima do olhar do *flâneur* e suas errâncias na cidade, num profundo questionamento sobre o papel e a percepção do pesquisador que busca revelar a cidade e sua coreografia quase invisível. O *flâneur* caminha pela cidade, observa o que acontece ao seu redor e vivencia o cotidiano. Sem pressa, apreende cada detalhe sem ser notado e busca uma nova percepção da cidade. O que importa para o *flâneur* é perder-se, mergulhar em meio à multidão e vagar pelas ruas da cidade sem objetivo ou intencionalidade.

Na Paris do século XIX, cidade da experiência urbana encanta Walter Benjamin através de Baudelaire, a cidade lírica que faz do poeta um fisionomista da imagem urbana. Para Benjamin (1989, p.185) “a rua conduz o flâneador a um tempo desaparecido. Para ele todas são íngremes.” Benjamin explica que a percepção do *flâneur* não é apenas com o olhar, mas é experimentado e vivido:

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua. (BENJAMIN, 1989, p.186)

A *flânerie* como errância: perder-se ao acaso no labirinto da cidade imerso em sensações. O *flâneur* é a figura mais reveladora desse meio que compreende a qualidade mágica da cidade e captura em suas andanças as poesias e temporalidades do cotidiano. É nesta capacidade empática de sentir e perceber a vida cotidiana, que a pesquisa sobre a cidade se apoia no olhar do *flâneur* – uma acuidade e atenção sensorial, pois na cidade tudo tem um significado. É através da investigação do espaço urbano que o ato de flunar observa a rua e constrói – a partir dos elementos não verbais – o espaço.

Os situacionistas buscavam experimentações que tornassem o cotidiano urbano um espaço de revelação, crítica e transformação. A experiência da deriva permitia uma organização afetiva, onde o caminhar errático traz à tona a cidade e seus conflitos. Para Guy-Ernest Debord (1958, p.87), a deriva consiste numa técnica de passagem rápida por “ambiências variadas”, de natureza psicogeográfica e de um comportamento lúdico-constructivo (oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio). Na perspectiva da deriva, existe um relevo psicogeográfico das cidades, “com correntes constantes, pontos fixos e turbilhões que tornam muito inóspitas a entrada ou a saída de certas zonas”:

Mas, em sua unidade, a deriva contém ao mesmo tempo esse deixar-se levar e sua contradição necessária: o domínio das variações psicogeográficas exercido por meio do conhecimento e do cálculo de suas possibilidades. (DEBORD, G. 1958, p.87)

Jolé (2005, p.425) explica que a deriva situacionista é um método exploratório rigoroso e aleatório que consiste em “se deixar levar pela cidade com suas solicitações, seus encontros, suas disposições e os determinismos do lugar”. A deriva situacionista mobiliza o olhar e a sensibilidade crítica sobre a cidade, cujo resultado é observar a realidade da cidade.

É através da deriva urbana, que Careri (2007) apresenta o *caminhar* como um modo de criar “novos territórios para se explorar, novos espaços para habitar” – percurso exploratório da cidade e investigação do território urbano. Neste sentido, “olhar a cidade” deixou de ser uma mera descrição do fenômeno urbano, para se tornar uma forma de interpretação do devir urbano. Consiste em compreender esta linguagem (quase que “invisível”) estabelecida pelas práticas cotidianas e suas relações sociais. Observar e ouvir os ritmos da cidade abre possibilidades para o entendimento das atividades do cotidiano.

## COREOGRAFIAS DO COTIDIANO

As sequências a seguir descrevem os fragmentos das observações diretas e das filmagens realizadas durante a pesquisa em campo. Quase um quadro por segundo, notações de movimentos e práticas do cotidiano impressas em cada movimento corporal – as ações, os percursos e os gestos. Cabe aqui o desafio de relatar a experiência urbana e os movimentos do corpo no espaço: a cada instante, pessoas caminham, moldam e constroem a cidade.

### Avenida Rio Branco

Nos arredores do edifício Avenida Central, pessoas caminham apressadamente. A presença de vendedores informais pontuam e interrompem as trajetórias dos passantes. Em direção ao edifício da Caixa Econômica Federal (sentido sul), os transeuntes percorrem lateral do edifício e quase não há mudança postural: movimento de cabeça, giros e pausas. As pessoas caminham praticamente sem interagir com o ambiente.

Dia 7 de junho de 2012, às duas horas da tarde, um homem atravessa a avenida Rio Branco em direção à estação de metrô Carioca (figura 1). Sua trajetória retilínea é interrompida ao desviar-se de um entregador de panfletos. Faz um gesto contido com a mão esquerda e desvia-se mais uma vez. Continua seu percurso em direção à estação de metrô Carioca, aos poucos desaparece na paisagem urbana.



Figura 1: Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro.

Fonte: Autor (2012)

Logo em seguida, na avenida Rio Branco, um homem atravessa a rua em direção ao edifício Avenida Central. Caminha rapidamente, desvia-se de alguns vendedores informais e mantém seu ritmo acelerado. Em seu percurso, não olha para as fachadas dos prédios, parece saber exatamente seu percurso e destino. Até que, dirige-se ao edifício Avenida Central.

Às duas horas da tarde, um vendedor de churros e tapioca se posiciona na esquina de uma loja, próximo à saída do metrô da Carioca. Estrategicamente ocupa um ponto da calçada – é possível notá-lo na imerso na paisagem. Em seu ritual quase que diário, seu espaço torna-se uma extensão de seu carrinho de churros – ocupa uma parte da calçada, demarca o território com um mobiliário e começa a fazer pipoca (figura 2).

Dia 8 de junho, às três horas da tarde, uma mulher sai da estação do metrô. Olha para os dois lados e segue em direção à avenida Rio Branco. Caminha apressadamente e atravessa a rua em sentido à rua da Ajuda. Seu movimento contínuo se altera na esquina entre a avenida Rio Branco e a rua da Ajuda. Ao se aproximar das lojas,

observa por alguns instantes as vitrines, mexe em seu cabelo e retoma seu percurso em direção à avenida Rio Branco.



*Figura 2: Avenida Rio Branco – esquina com a Rua da Ajuda.*

**Fonte: Autor (2013)**

#### Rua 7 de Setembro

Dia 13 de junho, às duas horas da tarde um homem de paletó anda rapidamente na rua Sete de Setembro. Com pouca mudança postural, se aproximou de uma banca de Revistas, comprou jornal e retornou ao seu percurso até entrar num edifício empresarial. Na esquina da rua Sete de Setembro às três horas, uma mulher caminha em direção à avenida Rio Branco. Em seu trajeto, desvia-se de pessoas que estavam no canteiro central e se aproxima da vitrine de uma loja.

#### Av. República do Chile

Dia 18 de Julho, às 14 horas, um homem caminha na Avenida República do Chile. Observa os prédios em sua volta e segue em direção à Avenida República do Paraguai. Seus passos rápidos são interrompidos por pessoas no ponto de ônibus (lado esquerdo), desvia-se de um vendedor informal e retorna à sua trajetória inicial (figura 3).

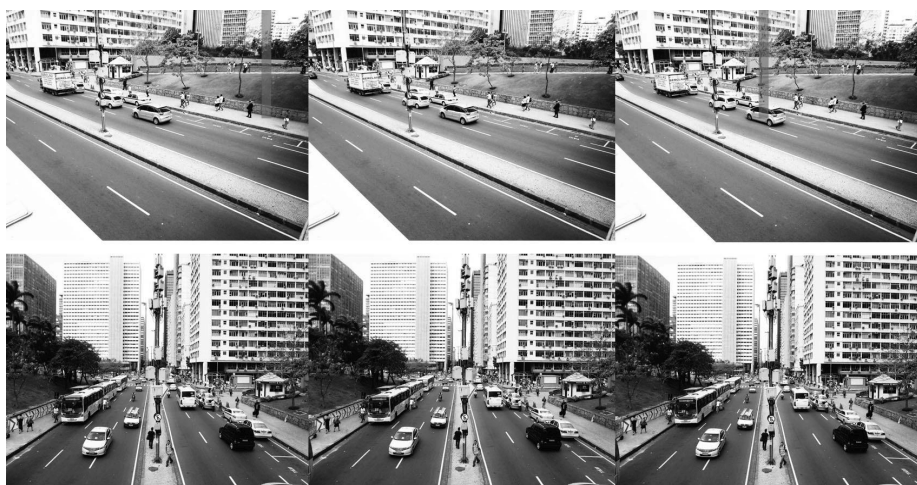


Figura 3: Avenida Chile, Rio de Janeiro.

Fonte: Autor (2012)

No dia a dia, as idas e vindas das pessoas configuram um denominador comum na cidade. O corpo se desfaz na paisagem e, ao mesmo tempo, a compõe em fragmentos de temporalidades e recortes espaciais. É esse corpo – através de suas vivências e experiências – que molda e desenha no espaço uma coreografia que traduz o ritmo e a vida na cidade. A cidade faz parte do corpo de tal forma que está impressa em ações do cotidiano e na superfície do próprio corpo – gestos, percursos, ações e comportamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há (ainda) muito caminho pela frente numa perspectiva de inserir o corpo como ponto de partida em estudos sobre a cidade. Nossa expectativa está em contribuir para pesquisas futuras que utilizem uma abordagem voltada para o movimento corporal e para novas formas de olhar o espaço urbano, porque é a partir das apropriações e uso do espaço que se pode legitimar a cidade. Assim, propomos o movimento corporal como aporte projetual, pois o corpo reage e atua no espaço urbano enquanto identidade, resistência e cultura. O corpo se encerra como ferramenta para compreensão da cidade, em coreografias que permitem possibilidades gráficas de descobertas e formulação das narrativas corporais.

O corpo em movimento atravessa o espaço, tece diálogos e percorre a cidade de tal forma que constrói suas práticas cotidianas e experiências corporais. É no caminhar que o corpo se insere na cidade e é espaço. Nesta perspectiva, através da experiência corporal é possível sentir e experimentar o espaço urbano. Pois, o corpo é o ponto de alianças e conflitos com a cidade e o movimento corporal traduz e produz espaço.

O corpo estabelece uma relação de coexistência com a cidade. Nessa dualidade entre afetar e ser afetado, o movimento humano é uma arquitetura *viva*, onde as trajetórias corporais moldam na cidade um sistema de fluxos que *cria* e *recria* espaços. Assim, ao observar como as pessoas se movimentavam na cidade foi possível compreender o comportamento humano e identificar os aspectos físico-espaciais em cada área de estudo.

A urgência do corpo traz para o debate os significados dessa experiência corporal na cidade. Acreditamos que o movimento corporal pode nos dar respostas e significados sobre a cidade, pois o movimento do corpo desenha no espaço o ritmo da cidade, seja este um espaço de passagem, lazer, convívio, conexão e permanência. Assim, os fluxos e caminhos gerados pelo corpo configuram o espaço e “é” cidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. DE. Prática do espaço, experiência do corpo: Sennett e a cidade. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. V.4 p. 291-208 jan/dez. 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas, vol. III. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- BORDEN, L. et. al. *The Unknown City: Contesting Architecture and Social Space*, Cambridge, MA, MIT Press, 2001.
- DE CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990.
- DEBORD, G-E. A teoria da deriva. IS no.2 1958 [1956] In: *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Org. Paola Berenstein Jacques. Trad. Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- GIL, J. *Movimento total, o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 1997.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford, England: Blackwell. 1991.
- \_\_\_\_\_. *A vida cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MONGIN, O. *A condição Urbana: A cidade na era da globalização*. São Paulo. Estação Liberdade. 2009.
- SENNETT, R. *Carne e pedra – O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro 2001.
- \_\_\_\_\_. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- TAKAHASHI, Jo. *Dimensões do corpo contemporâneo: vetores relacionais entre o corpo e a paisagem*. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia (org.). *Leituras do corpo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- THIBAUD, J-P. *Environmental psychology and environmental policy: strategies of construction of the future*. Psicol. USP, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010365642005000100022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642005000100022&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 10 outubro de 2007.
- TSCHUMI, B. *Arquitetura e limites II*, In: *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*, Org. Kate Nesbitt, São Paulo: Cosac Naify, 2ª. Ed. 2008. [original de Bernard Tschumi, “Questions of Space”, *Studio International* 190, n. 977, set-out. p.136-142. 1975.

## NOTA

1. Doutora em Urbanismo pelo PROURB, UFRJ; Mestre em Engenharia de Produção pela PPGEF-UFPE; Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo e Bolsista do Programa de Pesquisa Aplicada na UNESA-RJ. E-mail: e.takaki@gmail.com